

## *Monsenhor Manuel Teixeira* *Na pegada de um historiador de Macau\**

*Celina Veiga de Oliveira\*\**

A história faz escolhas, relevando ou esquecendo acontecimentos.

Em Fevereiro de 1912, Pu Yi, o último imperador da China imperial, foi obrigado a abdicar por uma revolução de cariz republicano. Tinha 6 anos. Em Abril desse ano, na noite de 14 para 15, o naufrágio do *Titanic* nas águas gélidas do Atlântico chocou o mundo. No mesmo dia 15 de Abril, nasceu em Freixo de Espada à Cinta, distrito de Bragança, Monsenhor Manuel Teixeira, sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa<sup>1</sup>, a quem hoje prestamos homenagem.

Do primeiro acontecimento pouco se fala hoje em dia. Do segundo, filmes, séries televisivas, reportagens e artigos de jornal evitam o seu apagamento. Quanto ao terceiro, a vastidão da obra historiográfica que nos legou perpetua o seu nome. Monsenhor Manuel Teixeira é, com efeito, um dos maiores pesquisadores da nossa presença no Oriente, formando, com Benjamim Videira Pires e Charles Ralph Boxer, uma trindade majestosa de historiadores de Macau.

*Eu sou eu e a minha circunstância*, dizia Ortega e Gasset. Manuel Teixeira é uma circunstância do seu tempo. Que perspectivas de instrução oferecia Portugal a uma criança transmontana em 1912? Exceptuando o seminário, poucas ou nenhuma. Mas a jovem república portuguesa era hostil à educação religiosa e o adolescente Manuel Teixeira parte para o

---

\* Comunicação apresentada na Sociedade de Geografia de Lisboa, no dia 14 de Setembro de 2012, na homenagem que a Comissão Asiática daquela instituição prestou ao historiador de Macau Monsenhor Manuel Teixeira por ocasião do 1.º centenário do seu nascimento.

\*\*Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Autora de vários estudos sobre História de Macau. Editora da Editorial Tágide.

<sup>1</sup> Monsenhor Manuel Teixeira (1912-2003) foi admitido como sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL) a 7 de Março de 1955, com o n.º 16203. No registo da SGL consta a sua profissão – missionário do Padroado em Singapura e Malaca – as habilitações – curso de Filosofia e Teologia.

Oriente para estudar no Seminário de S. José de Macau. Estávamos em 1924.

Em Macau, formou-se intelectualmente no seio da igreja, o que irá ter reflexos no seu conceito do mundo e da vida e no papel do catolicismo como força modeladora de consciências.

Do vastíssimo espólio bibliográfico que nos legou<sup>2</sup>, destaco o volume XIII da obra *Macau e a sua Diocese*, dedicado à história da missionação na China e por isso intitulado *A Missão na China*.

O livro abre com o desabafo hiperbólico e dramático de Alexandre Valignano, jesuíta italiano que chegou a Macau em 1578, encarregado das missões católicas na China e no Japão, e que o terá proferido, segundo o jesuíta Álvaro Semedo, na sua *Relação da Grande Monarquia da China*<sup>3</sup>, enquanto contemplava o continente chinês da janela do Colégio de S. Paulo:

«Ó rochedo, rochedo, quando acabarás por te abrir?»

O século XVI não foi, de facto, um tempo de afirmação «das coisas de Deus» na China.

Alexandre Valignano depressa percebeu que para a entrada do evangelho no império seria preciso aprender a língua chinesa. Numa carta de Janeiro de 1598, escrevia:

*Quando vim pela primeira vez a este porto da China para passar ao Japão, desejando tentar abrir de alguma maneira esta porta ao santo evangelho, que até então estivera tão cerrada, e meter alguns padres a viver pela terra dentro, e parecendo que isto não poderia ser de nenhuma maneira sem*

<sup>2</sup> Algumas das suas obras: *Macau e a sua Diocese*, 16 vols; *Os Militares em Macau*; *Pagodes de Macau*; *Macau no Século XVI*; *Macau no século XVII*; *Macau no Século XVIII*; *Macau no Século XIX*; *Japoneses em Macau*; *A Medicina em Macau*, 2 vols; *Toponímia de Macau*; *Residência dos Governadores de Macau*; *O Leal Senado*; *A Imprensa Periódica Portuguesa no Extremo Oriente*; *Galeria de Macaenses Ilustres do Século XIX*; *Galeria de Mulheres Ilustres de Macau*; *A Voz das Pedras de Macau*; *A Gruta de Camões*; *Primórdios de Macau*; *O Teatro D. Pedro V*; *Vultos Marcantes em Macau*; *A Polícia de Macau*; *Ouidores de Macau*; *Macau através dos Séculos*; *O Traje Feminino em Macau do Séc. XVI ao Séc. XVIII*.

<sup>3</sup> Álvaro Semedo, S. J., *Relação da Grande Monarquia da China*, [tradução do italiano por Luís Gonzaga Gomes, prefácio de António Aresta], ed. DSEJ/Fundação Macau, 1994.

*que eles primeiro aprendessem a língua e as letras chinesas, ordenei que neste mesmo porto de Macau dois padres que para isto se escolheram se dedicassem a aprendê-las, desocupando-os de todo outro negócio e ministério e dando-lhes mestres e toda a comodidade para isso.*<sup>4</sup>

## Os estudos sinológicos

A circunstância de padres ocidentais procurarem desvendar os segredos da mundividência do império celeste por meio da aprendizagem da sua língua acabou por abrir um novo capítulo da cultura universal: a sinologia.

As vicissitudes da aproximação católica à China estão bem patentes no esforço de um outro jesuíta italiano: Miguel Ruggieri.

Através das primeiras páginas do livro *Macau e a sua Diocese*, podemos acompanhar o percurso deste padre na sua persistente e difícil tentativa de abrir o «rochedo» chinês:

Em Julho de 1579, Ruggieri estava em Macau e lançou-se, cumprindo ordens de Valignano, ao «estudo do mandarim com todo o ardor».

Mas, diz-nos Monsenhor Manuel Teixeira, *o trabalho não era fácil; os chineses que vinham do interior conheciam pouco essa língua; os jurubassas ou intérpretes cristãos, com trajos e nomes portugueses, nada sabiam das letras chinesas e muito pouco das portuguesas; apenas um pintor, que bem pouco português sabia, lhe pintava no papel as figuras que os caracteres significavam. Por ex., tratando-se de um cavalo, o pintor desenhava-o e traçava por baixo o carácter ma (cavalo). Era uma coisa ridícula e por isso os portugueses e os padres metiam-no a ridículo.*<sup>5</sup>

Em carta ao Geral da Companhia, o padre Ruggieri admitiu a dificuldade da aprendizagem da língua, cuja estrutura era tão diferente da das línguas ocidentais:

*O Padre Visitador deixou-me ordem por escrito para aprender a ler, a escrever e a falar esta língua chinesa. Apliquei-me a ela com toda a diligência possível; mas os caracteres chineses são muito diferentes dos nossos e dos das outras nações, pois nesta língua não há alfabeto nem número definido de letras,*

<sup>4</sup> *A Missão na China*, p. 9.

<sup>5</sup> *Id, ibidem*, p. 17.

*mas há tantos caracteres como palavras ou expressões: é por isso que os mesmos naturais do país passam quinze anos de vida para chegar a saber ler os seus livros.*

*Ao iniciar este estudo, experimentei, na verdade, desânimo; mas ajudado pela força da obediência esforcei-me por executar esta ordem com toda a constância possível.*<sup>6</sup>

E pediu um companheiro para o ajudar a carregar *este fardo do estudo*.

Ruggieri procurou o auxílio dos comerciantes portugueses que costumavam ir à feira de Cantão duas vezes por ano, e que acabaram por o levar à metrópole chinesa em 1580, onde esteve três meses. Voltou a Cantão por duas vezes em 1581 e uma em 1582.

Era instável e sujeita a pressões, por parte das autoridades cantonenses, a presença portuguesa no território. Usando a diplomacia da intimidação, o vice-rei de Cantão exigiu a presença em Shiu-Hing<sup>7</sup> do bispo D. Melchior Carneiro e do capitão-mor D. João de Almeida, para responderem a duas questões:

— com que autoridade, sem provisão real, habitavam em Macau tantos portugueses, japoneses e cafres;

— e com que autoridade «nas terras del-rei da China» exerciam nelas jurisdição o bispo e o capitão.

Em representação do capitão e do bispo foram designados, respectivamente, o ouvidor e o padre Ruggieri, este acompanhado do padre Francisco Pasio, que, munidos de um rico presente de duas mil patacas em veludos e espelhos cristalinos da Europa, «muito estimados na China», partiram para Shiu-Hing.

Foram recebidos na grande sala de ouro, onde o vice-rei se encontrava no trono, «com grande majestade e rodeado dum e doutro lado por 300 capitães e soldados bem vestidos e armados para incutir terror ao padre», apresentando de imediato o presente.

<sup>6</sup> Id., *ibidem*, pp.17,18.

<sup>7</sup> Shiu-Hing ou Chaoquim, cidade de 200.000 habitantes, capital dos dois Kuangs, com 7 colinas de mármore, as célebres grutas das Sete Estrelas, *ob. cit.*

*E ficou tão alegre o vice-rei à vista das sedas e dos cristais que não foram necessárias outras desculpas, garantindo o magistrado a permanência dos portugueses em Macau, que poderiam governar-se «a seu modo daqui por diante» desde que obedecessem às ordens dos mandarins.*

Em Macau, Ruggieri adoeceu, mas conseguiu informar o vice-rei de Cantão de que tinha *uma máquina de aço toda de rodas por dentro, que continuamente se moviam por si mesmas e mostrava por fora todas as horas do dia e da noite, e, ao som de uma campainha, dizia o número de cada uma delas: prodígio da arte e do engenho nunca visto na China.*<sup>8</sup>

A descrição da máquina entusiasmou o magistrado que solicitou a presença de Ruggieri em Shiu-Hing, o que veio a fazer, de novo com o padre Francisco Pasio, em Dezembro de 1582.

*«Apresentado o relógio, foi o pasmo igual à novidade».*

Como agradecimento, receberam a provisão tão desejada para poderem habitar na China três religiosos jesuítas. E em 1583 foi celebrada missa em terra pela primeira vez .

## Dificuldades a transpor

Os degraus não estavam, porém, todos galgados, permanecendo algumas dificuldades que urgia resolver. Destituído do cargo pelo imperador, por ter «açotado certos letrados que vieram a morrer», e receando que o seu substituto não sentisse o mesmo entusiasmo pela presença dos padres no império, o vice-rei entregou uma chapa<sup>9</sup>, com o seu selo, aos padres, onde ordenava ao *haitão* de Cantão que lhes desse um lugar na metrópole para ali fazerem uma igreja e ali residirem.

<sup>8</sup> Id. *Ibidem*, p. 27.

<sup>9</sup> as ‘chapas’ eram os ofícios dos mandarins. Estes documentos constituem «uma expressão simbólica de uma realidade há muito familiar aos investigadores das relações luso-chinesas, isto é, o “consenso” que permitiu ao estabelecimento português de Macau viver inserido na ordem imperial chinesa durante quase três séculos. “Consenso” esse que se ficou a dever a toda uma série de pactos e de acordos que justificaram e sustentaram o “compromisso” de quatrocentos anos, que constituiu a substância da existência de Macau como comunidade autónoma no seio da China, in *Administração n.º 66, vol. XVII, 2004-4.º, «As ‘Chapas Sínicas’, a História de Macau e as seculares Relações Luso-Chinesas»*, por António Vasconcelos de Saldanha, Wu Zhiliang e Jin Guo Ping.1

Não foi isso que aconteceu e, sem resultado, apesar de todas as diligências efectuadas, os padres regressaram a Macau.

Há, porém, uma «reviravolta súbita».<sup>10</sup>

Segundo Mateus Ricci<sup>11</sup>, Ruggieri e Pasio, ao deixarem Shiu-Hing, teriam prometido um bom presente a quem obtivesse do vice-rei licença para a entrada dos padres.

E o certo é que este magistrado recebeu de um soldado um memorial, pedindo licença para a construção de uma casa e de uma igreja em Shiu-Hing, alegando que os padres já lá tinham estado durante seis meses com bom acolhimento pelo vice-rei anterior, que lhes prometera deixá-los ficar na China, pois que «disso resultaria grande utilidade e contentamento para o reino; salientava a sua bondade e a ciência das matemáticas, esferas, mapas, relógios e semelhantes engenhos».

O vice-rei remeteu o requerimento ao governador de Shiu-Hing e este expediu a chapa que o mesmo soldado trouxe a Macau.

Estava aberta a porta do «rochedo», que tanta angústia tinha causado ao padre jesuíta italiano Alexandre Valignano...

## Conclusão

A missionaçãõ da China originou os estudos sinológicos.

Foram difíceis as primeiras tentativas de entrada na China. Ruggieri teve de suportar, para além da dificuldade do estudo da língua, a desconsideração de alguns dos seus pares, duvidosos da capacidade da sua aprendizagem.

A entrada no império foi precedida de persistente diplomacia por parte dos responsáveis políticos e religiosos de Macau.

A supremacia tecnológica do Ocidente ajudou a ultrapassar barreiras de preconceito e de superioridade.

A obra historiográfica de Monsenhor Manuel Teixeira, que de tudo isto nos dá conta, é um manancial de informação meticulosa, dando-nos

<sup>10</sup> *Ob. cit.*, p. 40.

<sup>11</sup> In *Fonti Ricciane*, p.175 (cit. por P. Manuel Teixeira).

uma visão quase diária dos primeiros anos de contacto com as autoridades chinesas.

A referência constante a autores que escreveram sobre os temas que abordou, a junção dessas versões nos seus livros, possibilitando uma análise comparativa, e a meticulosidade informativa são preciosos auxiliares para quem se queira debruçar sobre este período da história de Macau.

Há, no entanto, no que se refere à importância do seu espólio historiográfico, um caminho que ainda não foi desbravado: servir a sua obra de guião para peças cinematográficas ou documentários televisivos, tal a simplicidade do estilo, a variedade de temas tratados e o pormenor com que os descreveu.

A sua obra é uma circunstância do tempo em que viveu e da formação que recebeu. Nos nossos dias, existem outros processos de investigação histórica – é infinito o progresso do homem na sua caminhada para o conhecimento, preconizava Giordano Bruno, no século XVI - mas o labor e o testemunho de Monsenhor Manuel Teixeira sobre a presença portuguesa no Oriente são um exemplo para as novas gerações de pesquisadores de um passado comum de mais de quatro séculos entre os povos português e chinês.

Foi longa a sua vida e foi longa a sua obra.